

A POÉTICA DO TÉDIO E/OU DO TEMPO THE POETICS OF BOREDOM AND/OR TIME

Angela Guida¹

RESUMO: este artigo tem como objetivo fazer uma leitura poética do tempo pela via do tédio. Nosso propósito encontrará ancoradouro nas leituras que pretendemos realizar de alguns textos literários do heterônimo de fernando pessoa – álvaro de campos e do vice-heterônimo bernardo soares – semelhantes leituras serão feitas à luz das reflexões engendradas por martin heidegger em “conceitos fundamentais da metafísica”. Dessa forma, este trabalho consistirá em um diálogo entre a literatura e a filosofia.

PALAVRAS-CHAVE: TEMPO – TÉDIO – POÉTICA

ABSTRACT: This article aims to make a poetic reading of time by way of boredom. Our purpose will find its anchoring in the readings which we intend to present of some literary texts written by fernando pessoa under his heteronym – álvaro de campos – and his alternate heteronym, bernardo soares. Similar readings will be performed in light of the reflections produced by martin heidegger in “the fundamental concepts of metaphysics”. Thereby, this work will consist of a dialog between literature and philosophy.

KEY-WORDS: TIME – BOREDOM – POETICS

O tédio só é em geral possível porque todas as coisas[...] possuem *seu* tempo. Caso todas as coisas não tivessem *seu* tempo, então não haveria tédio algum.

(HEIDEGGER, 2006, p. 127, grifo do autor)

Cada coisa a seu tempo tem seu tempo.

Não florescem no inverno os arvoredos,

Nem pela primavera

Têm branco frio os campos.

(REIS, 2007, p. 37)

¹ Doutorando em Poética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora de Literatura e Língua Portuguesa do Colégio dos Jesuítas e do colégio Santa Catarina, Juiz de Fora-MG, amguida@yahoo.com.br

Mesmo aqueles que nutrem pouco saber acerca da poética de Fernando Pessoa, já observaram que elementos como: *noite, infância, cansaço existencial, tempo, impossibilidade, ausência*², *melancolia* e também o *tédio* constituem presenças demasiado significativas na escrita pessoana. No caso do *tédio*, quiçá seja uma presença mais acentuada em Álvaro de Campos e em Bernardo Soares. Aliás, é o próprio ajudante de guarda-livros quem corrobora nossa observação: “Tão dado como sou ao *tédio*, é curioso que nunca, até hoje, me lembrou de meditar em que consiste.” (SOARES, 1999, p. 259, grifo nosso). Desse modo, traremos como *corpus* o fragmento **263 – Tão dado como sou ao *tédio*[...]** – do **Livro do desassossego** de autoria do vice-heterônimo Bernardo Soares³ e, de Álvaro de Campos, apresentaremos – ***Apostila*** – poema no qual a temporalidade aparece como temário, além de outros textos do poeta-engenheiro. Apresentaremos o *tédio*, embasados nas reflexões engendradas por Heidegger em **Conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão**⁴ e, apesar de o vocábulo *tédio* não ser mencionado diretamente com todos os seus fonemas e símbolos gráficos nos poemas de Campos que ora traremos, ainda assim, eles estabelecem estreita relação com o *tédio*. Desse modo, nossa escolha encontra justificativa na tríade – *tédio*, tempo e passatempo.

Ao assinalarmos o tempo como um *leitmotiv* de acentuada relevância na poética de Campos e/ou na poética de Fernando Pessoa⁵, não podemos nos esquecer do poeta do

² No ensaio “A presença da ausência em Fernando Pessoa”, Cleonice Berardinelli destaca, na poética pessoana, a abundância de palavras que estão sob o campo semântico da ausência, como as “negações – *não, nunca, sem* -, palavras restritivas – *somente, apenas* -, ou indefinidas – *qualquer, algum* – ou ainda negativas da materialidade – *irreal, insubsistente, sombra, sonho, transe*.” (BERARDINELLI, 2004, p. 40, grifos da autora)

³ É oportuna esta leitura aproximativa de Bernardo Soares e Álvaro de Campos, apesar de este ser poeta e aquele, prosador, uma vez que, em não raros momentos, suas escritas se tornam muito próximas. Aliás, já há estudos que apontam as similitudes temárias entre esses dois escreventes da literatura portuguesa. Robert Bréchon é um deles: “Bernardo Soares parece-se cada vez mais com Campos.” (BRÉCHON, 1998, p. 477)

⁴ Nesta obra, entre outras reflexões, Heidegger estabelece uma conexão entre *tédio* e tempo, argumentando que é no passatempo que o *tédio* vem ao nosso encontro sem disfarces. Ele cita o cigarro como um exemplo de passatempo, assim, tempo e cigarro estão, de certa forma, ligados ao *tédio*. Não foi difícil encontrar esse “passatempo” entre os dedos do poeta engenheiro, mas em inatividade.

⁵ Quiçá o tempo seja menos acentuado em Alberto Caeiro. Trabalhamos com esse advérbio de dúvida porque quando se trata de Caeiro é impossível não pensar na possibilidade de ele ser o verdadeiro “poeta fingidor”, uma vez que quase tudo nele está sob a guarda do “como se” ou do “quem me dera”. No poema **I** do conjunto de textos que compõem o “Pastor amoroso” o tempo se faz presente até na exata proporção de verbos usados no presente e no passado para retratar como era a vida do pastor antes de ele conhecer a amada e após tê-la conhecido. Uma perfeita construção entre passado e presente. Sobre o tempo na poética de Caeiro, Eduardo Lourenço argumenta que Caeiro, o “anjo do Tempo-sensação”, é uma

tempo presente – Ricardo Reis. Ao questionar a impermanência de tudo que nos rodeia e valorizar sobremaneira o instante presente, característica que o aproxima da mística oriental búdica, Reis também toca na questão da temporalidade. Não é fortuito, por exemplo, o uso da flor⁶ como uma metáfora da brevidade do tempo, ao lado de verbos como: *murchar*, *imarcescível*, *regar*, *colher* e outros do mesmo campo semântico: “Quão breve tempo é a mais longa vida / E a juventude nela! [...]” (REIS, 2007, p. 16). Indubitavelmente, o temário da temporalidade também circunda os versos do poeta *latinista* e *semi-belenista*, denominações essas, dadas por seu criador, Fernando Pessoa, em carta enviada a Adolfo Casais Monteiro, na qual explica a gênese dos heterônimos.

Eduardo Lourenço, importante ensaísta e estudioso da poética de Pessoa e da temática do tempo⁷, afirma que é na poesia do ortônimo que o tempo se presentifica de forma contumaz: “É nos poemas de Fernando Pessoa ortônimo que o sentimento de queda no tempo tem a expressão mais perfeita, como consciência de uma infelicidade provisória ou como infelicidade ontologicamente irremediável.” (LOURENÇO, 1999a, p. 67). Não obstante, mesmo julgando pertinente as observações de Eduardo Lourenço, não faremos a leitura do tempo no ortônimo. É nosso escopo, conforme já citamos, investigar a temática tédio e/ou tempo em alguns escritos do poeta-engenheiro e do prosador ajudante de guarda-livros.

Ao confessar “afeição” pelo tédio, Bernardo Soares também traz para suas páginas de prosa o tempo como questão e, dessa forma, as conexões entre tédio e tempo cada vez mais se estreitam e justificam o fato de no título desta escritura termos trabalhado com a barra do “e/ou” – “tédio e/ou tempo”. Soares lamenta: “Sinto o *tempo* com uma dor enorme.” (SOARES, 1999, p. 203, grifo nosso). Poderíamos alterar as palavras do prosador dos fragmentos sem causar dano ao texto original ou mesmo profanar sua prosa: “Sinto o *tédio* com uma dor enorme.”

Leyla Perrone-Moisés

não é o que se pode chamar de uma especialista em Fernando Pessoa e, no entanto,

estratégia de Fernando Pessoa para fugir do tempo: “[...] Através dele, Fernando Pessoa finge escapar ao tempo negando-se a separá-lo do puro gozo da sensação.[...]” (LOURENÇO, 1999a, p. 72)

⁶ Em Caeiro a figura da flor também é bastante acentuada, mas não como uma metáfora da brevidade, e sim, como elemento de contemplação.

⁷ Frequentemente associado a questões que gravitam em torno do discurso identitário, em entrevista concedida à revista *Cult*, Lourenço reitera que não é a identidade que marca seu trabalho, mas sim a temporalidade. “O tempo é o único tema que praticamente atravessa tudo o quanto escrevi e escreverei.” (LOURENÇO, 1999b, p.6)

produziu um relevante estudo sobre o poeta lisbonense. Leyla observa que no caso de Pessoa não é a teoria ou os textos filosóficos que ajudam a pensar Pessoa, mas é Pessoa quem possibilita uma compreensão dos mesmos. Semelhantes observações são significativas porque Leyla Perrone-Moisés tem um longo percurso pela teoria e crítica literárias, sendo uma das maiores especialistas na produção teórico-crítica de Roland Barthes, então, seria mais do que natural que ela fizesse a defesa da teoria como suporte para a leitura de textos literários.

Quanto mais eu o lia, tentando pensar as questões por ele suscitadas, mais me convencia de que não são a filosofia, a psicanálise, a lingüística, a sociologia ou a poética que ajudam a ler Pessoa. É Pessoa quem oferece um formidável saber para a ampliação do campo dessas disciplinas. Assim, não foi lendo Hegel que eu entendi melhor Pessoa; foi porque eu tinha Pessoa em mente, que me encantei com a *Ciência da Lógica*, obra que, de outra forma, me pareceria absolutamente aborrecida ou, pior, totalmente impenetrável. Também foi à luz de Pessoa que muitas páginas de Lacan pareceram-me subitamente claríssimas, justas e de largo alcance. (PERRONE-MOISÉS, 1982, p. 5)

Recuperamos as reflexões de Leyla Perrone-Moisés com o intuito de corroborar, uma vez mais, que não nos serviremos do texto de Heidegger para melhor compreendermos o texto de Pessoa, mas sim, com um claro propósito de diálogo entre tais poéticas. Em **Conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão**, obra que, pelo menos de início, não se pretende refletir sobre o tempo, mas acaba por fazê-lo, Heidegger investiga a metafísica a partir de três perguntas: O que é mundo, o que é finitude, o que é solidão/singularização⁹? E fazendo o percurso circular¹⁰, que é sua metodologia filosofante, o pensador discute em sucessivos capítulos o tédio. Mas, na verdade, o tédio será tão-só um atalho para o questionamento das três questões referidas.

⁹ Em alguns momentos, Heidegger usa o termo “singularização” como uma espécie de sinonímia de solidão. Assim, ora usaremos o vocábulo solidão, ora, singularização.

¹⁰ Heidegger explica seu método filosofante circular que, de início, enfastia os leitores incautos, argumentando que a circularidade obriga-nos a olhar para o centro, logo, para a essência.

Melhor, tanto o tédio como as três questões citadas, conduzem a uma só reflexão: qual é a essência do tempo? “Queremos sim, como já acentuamos repetidamente, alcançar a essência do tempo através de uma interpretação da essência do tédio.” (HEIDEGGER, 2006, p. 158). O tempo, desde outrora, inquieta físicos e filósofos, mas para Heidegger, decerto, representou questão obsedante.

O que o tédio tem afinal a ver com a pergunta por mundo, por finitude, e por singularização? Que esta tonalidade afetiva fundamental do tédio está em conexão com o tempo e com o problema do tempo, é fácil perceber. *Ou será que estas perguntas estão por fim em conexão com a pergunta pelo tempo?* Não paira sobre nós uma convicção antiqüíssima de que, logo ao surgir o mundo, veio à tona junto com ele o tempo; de que os dois têm a mesma idade, de que eles são igualmente originários e aparentados? Não paira sobre nós a opinião, menos venerável e mais óbvia de que o finito é o temporal? Assim, a finitude se confundiria tanto com o tempo quanto o mundo. Não conhecemos a antiga doutrina metafísica segundo a qual o singular vem a ser o singular que é através de sua respectiva posição temporal, de modo que o problema da singularização também seria um problema temporal, exatamente como as duas perguntas inicialmente mencionadas pelo mundo e pela finitude? O tempo, por sua vez, encontra-se para *nós* em uma relação com o tédio. Portanto, o tédio é a tonalidade afetiva fundamental de nosso filosofar, do filosofar no qual desenvolvemos as três perguntas pelo mundo, pela finitude e pela singularização. (HEIDEGGER, 2006, p. 97 e 98, grifos do autor)

O que é o tédio? O tédio é o tempo alongado. A brevidade do tempo é revestida de uma aura espectral que desafia a compreensão humana desde a Origem. Queixamo-nos recorrentemente da falta de tempo, logo, desejamos mais tempo para tudo. Tempo para trabalhar, tempo para diversão, tempo para estudos, tempo para pensar, tempo para agir, tempo para o não-agir, tempo para viver. No entanto, quando temos um alongamento do tempo – o que deveria aquietar nosso desassossego – buscamos inúmeras estratégias para encurtá-lo, tamanho é o mal-estar diante desse tempo alongado que, para Heidegger, trata-se do tédio. Não obstante, quando tentamos *encurtar*/matar o tempo, na verdade, estamos a estimular seu movimento através do passatempo que é: “uma expulsão do tédio – uma

expulsão que se perfaz através de um estímulo ao tempo.” (HEIDEGGER, 2006, p. 113) O tempo só ganha sua extensão no tédio e, entretanto, queremos matá-lo. São as contradições do tempo filosófico que também encontram ressonância no tempo físico como o clássico exemplo do paradoxo dos gêmeos e a questão da dilatação do tempo, no qual, este passa de forma diferente quando se consideram as altas velocidades.

Heidegger categoriza o tédio em três aspectos: o ser entediado por algo, o entediar-se junto a algo e o ser entediante para alguém. Das três categorizações preconizadas pelo autor de **Ser e tempo**, vislumbramos na segunda uma maior conformidade com a poética de Campos e de Soares; dessa maneira, por ora, desenvolveremos apenas a segunda forma de tédio: “o entediar-se junto a algo.” Nesse caso, o tédio não surge a partir de algo determinado nem de uma “coisa entediante”. Ele é revestido de um “não sei o quê”, por uma indeterminação aflitiva. “Nós estamos entediados quase como se o tédio viesse de nós mesmos.” (HEIDEGGER, 2006, p. 111) Essa afirmação afina-se, sem grande esforço, com muitos dos versos *angustiantes* e *claustrofóbicos* de Álvaro de Campos. Como exemplo, vejamos ***Bicarbonato de soda***, no qual angústia e tédio confundem-se numa grande indeterminação¹¹ – “[...] que é que me falta[...]?” e ***Puseram-me uma tampa***, versos que levam nosso ar.

[...]

Uma angústia,

Uma desconolação da epiderme da alma,

Um deixar cair os braços ao sol-pôr do esforço...

Renego.

Renego tudo.

Renego mais do que tudo.

Renego a gládio e fim todos os Deuses e a negação deles.

¹¹ A segunda forma de tédio caracterizada por Heidegger, de fato, estabelece estreita relação com a angústia, uma vez que tanto esta, como aquele, são marcados pela indeterminação. “Sem dúvida, a angústia é sempre angústia de..., mas não angústia diante disto ou daquilo. A angústia de... é sempre angústia por..., mas não por isto ou aquilo. O caráter de indeterminação daquilo diante de e por que nos angustiamos, contudo não é uma simples falta de determinação, mas a essencial impossibilidade de determinação.” (HEIDEGGER, 1979, p. 39)

Mas *o que é que me falta, que o sinto faltar-me no estômago e na circulação do [sangue?*

Que atordoamento vazio me esfalfa no cérebro?

[...] (CAMPOS, 2002, p. 366, grifos nosso)

ou

Puseram-me uma *tampa* –

Todo o céu.

Puseram-me uma *tampa*.

[...]

Puseram-me uma *tampa*.

Como a um daqueles penicos antigos –

Lá nos longes tradicionais da província –

Uma tampa. (CAMPOS, 2002, p. 447, grifos nosso)

Ao assumir este caráter de “eu não sei o quê”, não há dúvidas de que grande angústia instaura-se na essência do humano. Estamos, dessa maneira, diante do tédio como uma questão existencial. “Mas como assim, afinal? Com toda a boa vontade, não conseguimos encontrar nada que pudesse ter nos entediando aí. E, no entanto, me entediei. Com o que, afinal, entediei-me? Será que eu *mesmo* me entediei? Será que fui algo *entediante para mim mesmo?*” (HEIDEGGER, 2006, p. 132, grifos do autor). Em sua obstinada pergunta pelo “que é o tédio”, Heidegger parece chegar a uma proposição – “É o *vazio* que no fundo *entedia*”. Ele ainda reitera que não se trata de um vazio como sinônimo de nada, mas sim, de um vazio como falta, privação, penúria. E, sem muito esforço, essa proposição, uma vez mais, coloca-nos diante de Álvaro de Campos. “Mas o que é que me *falta?*”, pergunta Campos. Soares talvez respondesse a ele: “Falta-te a ilusão,” uma vez que para Bernardo Soares, o tédio é a falta da capacidade de iludir-se. Mas, recuperando a proposição de Heidegger – “É o *vazio* que no fundo *entedia*” – poderíamos ler os versos seguintes como representações máximas do tédio:

Estou *vazio* como um poço seco.

Não tenho verdadeiramente realidade nenhuma.

Tampa no esforço imaginativo! (CAMPOS, 2002, p. 446, grifo nosso)

ou

[...]

O meu coração *vazio*,

O meu coração insatisfeito,

[...] (CAMPOS, 2002, p. 315, grifo nosso)

Bernardo Soares questiona por que razão, apesar de sua “intimidade” com o tédio, nunca ter parado para refletir sobre tal questão. Talvez porque, à semelhança de Santos Agostinho, se parasse para refletir sobre o tédio, mesmo com sua dita intimidade, já não saberia mais como conceituá-lo. Em sua conhecida obra – **Confissões** – Santo Agostinho queixa-se de não mais saber o que é o tempo a partir do instante que o indagam acerca do tempo. “O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, sei: se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei.” (SANTO AGOSTINHO, 2004, p. 322). No fragmento **263** Soares experimenta variadas possibilidades de conceitualização para o que poderia ser o tédio, assim como faz Heidegger em seu texto filosófico. O pensador questiona se o tédio poderia ser espera, impaciência, decepção e conclui que essa tonalidade afetiva¹², na verdade, é aquilo que nos deixa vazios. O prosador Soares, em suas definições, também se utiliza do vocábulo “vazio” no sentido de falta, privação e penúria. Vejamos o que diz Soares na extensa citação que se segue:

Não o sei, realmente, se o tédio é somente a correspondência desperta da sonolência do vadio, se é coisa, na verdade, mais nobre que esse entorpecimento. Em mim, o tédio é freqüente, mas, que

¹² Heidegger usa essa terminologia para denominar toda ordem de sentimentos.

eu saiba, porque reparasse, não obedece a regras de aparecimento. Posso passar sem tédio um domingo inerte; posso sofrê-lo repentinamente, como uma nuvem externa, em pelo trabalho atento. Não consigo relacioná-lo com um estado de saúde ou da alta dela; não alcanço conhecê-lo como produto de causas que estejam na parte evidente de mim.

Dizer que é uma angústia metafísica disfarçada, que é uma grande desilusão incógnita, que é uma poesia surda da alma aflorando aborrecida à janela que dá para a vida – dizer isto, ou o que seja irmão disto, pode colorir o tédio, como uma criança ao desenho cujos contornos transborde e apague, mas não me traz mais que um som de palavras a fazer eco nas caves do pensamento.

O tédio... Pensar sem que se pense, com o cansaço de pensar; sentir sem que se sinta, com a angústia de sentir; não querer sem que se não queira, com a náusea de não querer – tudo isto está no tédio sem ser o tédio, nem é dele mais que uma paráfrase ou uma translação.[...] Há um isolamento de nós em nós mesmos, mas um isolamento onde o que separa está estagnado como nós, água suja cercando o nosso desentendimento.

O tédio... sofrer sem sofrimento, querer sem vontade, pensar sem raciocínio... É como a possessão por um demónio negativo, um embruxamento por coisa nenhuma.[...]

O tédio... Trabalho bastante. Cumpro o que os moralistas da acção chamariam o meu dever social. Cumpro esse dever, ou essa sorte, sem grande esforço nem notável desinteligência. Mas, umas vezes em pleno trabalho, outras vezes no pleno descanso que, segundo os mesmos moralistas, mereço e me deve ser grato, transborda-se-me da alma de um fel de inércia, e estou cansado, não da obra ou do repouso, mas de mim.

[...] *É uma sensação de vácuo*, uma fome sem vontade de comer, tão nobre com estas sensações do simples cérebro, do simples estômago, vindas de fumar d mais ou de não digerir bem.

O tédio... É talvez, no fundo, a insatisfação da alma íntima por não lhe termos dado uma crença, a desolação da criança triste que intimamente somos, por não lhe termos comprado o brinquedo divino.[...]

[...] O tédio é isso: a perda, pela alma, da sua capacidade de se iludir, a *falta*, no pensamento, da escada inexistente por onde sobe sólido à verdade. (SOARES, 1999, p. 259 e 260, grifos nosso)

Soares observa que o tédio não advém da falta de uma ocupação, uma vez que mesmo cumprindo seu “dever social”, essa tonalidade afetiva viceja. Pode manifestar-se como uma “nuvem externa”¹³ ou na forma de “uma sensação de vácuo”. Assim, para Soares o tédio é o vazio, a falta de crença em algo, a falta de iludir-se. A ilusão é vital para o humano do homem. Poderíamos, quem sabe, recriar a célebre máxima de Descartes: “Iludimo-nos, logo existimos”. Mas em Soares, não nos parece seguro afirmar que o tédio é representado pelo “eu não sei o quê”, como em Campos, pois após as várias deambulações que, de início, soam tão pouco elucidativas, o autor do **Livro do desassossego** parece estar certo de haver encontrado uma definição para o tédio: “[...] O tédio é isso: a perda, pela alma, da sua capacidade de se iludir.[...]”

Conforme já argumentamos, a poética de Campos, que tematiza o tédio e/ou o tempo, mostra-se mais revestida desse caráter de “eu não sei o quê”, tornando-a, decerto, mais angustiante. Eduardo Lourenço, em uma leitura comparativa do tempo em Caeiro e Campos, comenta que a temporalidade no poeta engenheiro confunde-se com angústia ou tédio, o que corrobora o fato de termos escolhido para leitura poemas que não trazem diretamente o vocábulo *tédio*, mas que tematizam o *tempo*.

O que é, em Alberto Caeiro, tempo condensado, forçado simulacro de eternidade, é em Álvaro de Campos tempo fragmentário, duração sem unidade intrínseca, que do nada procedem e ao nada tornam. Mas a realidade desse “nada” é como um fogo negro no qual arde o ser ou a idéia do ser, e cuja chama nos queima. É esta temporalidade vivida como *angústia ou tédio absolutos*, expressão da nossa inexorável falta de realidade, que sugere a Álvaro de Campos a mais profunda e a mais dolorosa metáfora do tempo: “o nada vivo em que estamos”. (LOURENÇO, 1999, p. 72)

Ainda que, em um primeiro momento, possa soar como um desmedido contrasenso, as reflexões e/ou provocações de Heidegger acerca da relação tempo/passatempo

¹³ “Nuvem externa” assemelha-se à primeira categorização do tédio preconizada por Heidegger – o ser entediado por algo. Essa coisa entediante vai desde objetos ao próprio homem, ela está do lado de fora, logo, uma “nuvem externa”. “O tédio está muito mais do lado de fora, se assenta sobre o entediante e se introduz de fora furtivamente em nós.” (HEIDEGGER, 2006, p. 100)

revelam-se demasiado pertinentes. O pensador argumenta que o passatempo existe em função do tédio. Dito de outra forma, o passatempo não existe por si só, ele só entra em cena mediante a presença do tédio. O poema *Apostila*, em nossa leitura, também pode ser pensado como um questionamento acerca do que seria “aproveitar o tempo” e, paradoxalmente, opor-se ao tempo longo. “O passatempo é um abreviador que estimula temporalmente o tempo que quer se tornar longo; ele traz consigo uma intervenção no tempo, travando *um embate com o tempo*.” (HEIDEGGER, 2006, p. 116, grifos do autor).

Aproveitar o tempo!

Mas o que é o tempo, para que eu o aproveite?

Aproveitar o tempo!

Nenhum dia sem linha...

[...]

Aproveitar o tempo!

Tirar da alma os bocados precisos – nem mais nem menos –

Para com eles juntar os cubos ajustados

Que fazem gravuras certas na história

(E estão certas também do lado de baixo, que não se vê)...

[...]

Imagens de jogos u de paciências ou de *passatempos* –

Imagens da vida, imagens das vidas, Imagem da Vida...

[...]

Verbalismo...

sem, verbalismo...

Aproveitar o tempo!

Não ter um minuto que o exame de consciência desconheça...

[...]

Aproveitar o tempo!

Meu coração está cansado como um mendigo verdadeiro.

Meu cérebro está pronto como um fardo posto ao canto.

Meu canto (verbalismo!) está tal como está e é triste.

Aproveitar o tempo!

Desde que comecei a escrever passaram cinco minutos.

Aproveitei-os ou não?

Se não sei se os aproveitei, que saberei de outros minutos?

(Passageira que viajavas tantas vezes no mesmo compartimento comigo

no comboio suburbano,

chegaste a interessar-te por mim?

aproveitei o tempo olhando para ti?

[...]

Aproveitar o tempo!...

Ah, deixem-me não aproveitar nada!

Nem tempo, nem ser, nem memórias de tempo ou de ser!

[...] (CAMPOS, 2002, p. 299, 300, grifos nosso)

Ao pedir “Ah, deixem-me não aproveitar nada!”, o eu lírico parece revelar certo cansaço e, em virtude disso, roga pelo direito ao tédio, logo, pelo direito ao tempo longo. Esse poema, largamente assimétrico em sua forma, apresenta dois questionamentos essenciais acerca da temporalidade – primeiro é necessário definir a essência do tempo para então saber como aproveitá-lo, ou seja, como deixar que o passatempo se manifeste em sua essência. “Aproveitar o tempo!/ Mas o que é o tempo, para que eu o aproveite?”. No referido poema, Campos abusou das reticências e, poderíamos vislumbrar no excesso deste recurso estilístico, uma forma de acentuar a indefinição temporal e de pontuar como *tempo*, *tédio* e *passatempo* são conceitos que não se descolam da subjetividade. Aliás, Heidegger faz menção a essa subjetividade ao observar que o tédio tem caráter *híbrido*, isto é, uma essência em parte objetiva, em parte subjetiva. E, se quiséssemos ir mais longe, poderíamos ainda recuperar os pressupostos postulados por Einstein na Teoria da Relatividade, decerto, seria uma reflexão profícua sobretudo porque o renomado Físico

afirma que o tempo é uma ilusão. “O passado, o presente e o futuro são apenas ilusões, ainda que tenazes.” (EINSTEIN, *apud* DAVIES, 2002, p. 55)

Embora tenhamos feito um recorte sobremaneira breve, que se encontra aquém da profundidade com a qual Heidegger aborda a questão do tédio e/ou tempo assim como da profundidade trazida pela poética de Álvaro de Campos e Bernardo Soares, acreditamos que para a nossa pretensão de leitura, por ora, tenha sido suficiente, uma vez que as características desta natureza de escrita dificultam o desenvolvimento de questões demasiado profundas como é a questão do tempo. Pessoa faz uso de uma preciosa metáfora para realçar a profundidade de seu pensamento – “meu pensamento é rio subterrâneo”. (PESSOA, *apud*, LOURENÇO, 1999, p. 66) Nós reiteramos a fala do poeta que exalta a profundidade do pensar e afirmamos que “ a filosofia de Martin Heidegger e a poética de Fernando Pessoa são um rio subterrâneo”, daí, ficarmos sempre com a sensação de *aquém*, ainda que tenhamos ido *além*. Por ora, acreditamos que nosso objetivo tenha se cumprido, uma vez que nos propusemos identificar a relação entre tédio e tempo na poética de Campos e de Bernardo Soares à luz das reflexões postuladas por Heidegger. Partimos do tédio, mas, na verdade, o tempo é que foi nossa matéria de reflexão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERARDINELLI, Cleonice. **Fernando Pessoa: outra vez te revejo...** Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004.

BRÉCHON, Robert. **Estranho estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa.** Trad. Maria Abreu e Pedro Tamen. Rio de Janeiro, 1998.

CAEIRO, Alberto. **Poesia completa de Alberto Caeiro.** Edição Fernando Cabral Martins, Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CAMPOS, Álvaro. **Poesia / Álvaro de Campos.** Edição Teresa Rita Lopes. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

EINSTEIN apud DAVIES, Paul. Esse fluxo misterioso. **Scientific American**, São Paulo, n. 5, p. 55, out. 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão**. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. Que é metafísica. **In: Os pensadores**. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LOURENÇO, Eduardo. Tempo e melancolia em Fernando Pessoa. **In: Mitologia da saudade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999a.

_____. **CULT – Revista brasileira de literatura**. São Paulo, v. 27, outubro de 1999b, ano III, p. de 5 a 7.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

REIS, Ricardo. **Poesia completa de Ricardo Reis**. Org. Manuela Parreira da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTO AGOSTINHO. O homem e o tempo. **In: Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos, SJ e A. Ambrósio de Pina, SJ. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.

SOARES, Bernardo. **Livro do desassossego**. Org. Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

